

A SOCIEDADE DA (DES)INFORMAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA NO BRASIL: A COMPETÊNCIA INFORMACIONAL DO BIBLIOTECÁRIO PARA A PREVENÇÃO E O CONTROLE DA PROPAGAÇÃO DO NOVO CORONAVÍRUS

THE (DES) INFORMATION SOCIETY IN PANDEMIC TIMES IN BRAZIL: THE LIBRARIAN'S INFORMATIONAL COMPETENCE FOR PREVENTING AND CONTROLLING THE SPREAD OF THE NEW CORONAVIRUS

Maria da Glória Serra Pinto de Alencar
Universidade Federal do Maranhão
Brasil

Luziangela Cordeiro dos Santos
Universidade Federal do Maranhão
Brasil

Mayara Reis Castro
Universidade Federal do Maranhão
Brasil

Pítia Moraes Berredo
Universidade Federal do Maranhão
Brasil

Talita Karenina Diniz Abreu
Universidade Federal do Maranhão
Brasil

Submetido em: 23/07/2020

Aceito em: 30/09/2020

Publicado em: 12/10/2020

Licença:



Autor para correspondência: Maria da Glória Serra Pinto de Alencar

Email: maria.alencar@ufma.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4829-1241>

Como citar este artigo:

ALENCAR, Maria da Glória Serra Pinto de Alencar ALENCAR, Maria da Glória Serra Pinto de; SANTOS, Luziangela Cordeiro dos; CASTRO, Mayara Reis; BERREDO, Pítia Moraes; ABREU, Talita Karenina Diniz. Sociedade da (des)informação em tempos de pandemia no Brasil: a competência informacional do bibliotecário para a prevenção e o controle da propagação do novo coronavírus. **REBECIN**, São Paulo, v. 7, número especial, p.90-108, 2020. DOI: 10.24208/rebecin.v7iespecial.199

RESUMO

Este estudo pretende identificar o nível de conhecimento da população em relação ao acesso às informações sobre a COVID-19, tendo em vista o excesso de informações ou (des)informações (*fake news*) disponíveis em redes sociais e *sites*, apresentando ferramentas digitais que possibilitem a prevenção e o controle da propagação do novo coronavírus para o enfrentamento da pandemia e pós-pandemia. Conseqüentemente os resultados esperados foram na perspectiva de que, com o acesso a informações em fontes seguras e confiáveis, possibilite a diminuição dos riscos de contaminação e do aumento do controle da propagação do coronavírus através do acesso aos meios de comunicação. Assim, de acordo com os objetivos desta pesquisa, obteremos benefícios tanto para os profissionais de informação quanto para a população mais vulnerável, que através da busca pela informação poderá dirimir as suas dúvidas a respeito dessa doença, como se precaver e tomar as medidas protetivas para a sua saúde. Contribuirá ainda com a sociedade, na medida em que busca modificar as atitudes que podem disseminar o contágio, divulgando para a população mais carente ferramentas digitais que possibilitem a prevenção e o controle da propagação do novo coronavírus para o enfrentamento da pandemia e pós-pandemia.

Palavras-Chave: acesso; COVID-19; desinformação; ferramentas digitais; informação.

ABSTRACT

This study aims to identify the level of knowledge of the population in relation to access to information about COVID-19, in view of the excess of information or (un) information (*fake news*) available on social networks and websites, presenting digital tools that enable the prevention and control of the spread of the new coronavirus to face the pandemic and post-pandemic. Consequently, the expected results were in the perspective that with access to information from trusted sources of reducing the risks of contamination and increasing the control of the spread of the coronavirus through access to the means of communication. Thus, according to the objectives of this research, we will obtain benefits for both information professionals and information professionals, as well as for the most vulnerable population, who through the search for information will be able to resolve their doubts about this disease, as a precaution. and take protective measures for your health. It will also contribute to society, insofar as it seeks to modify the attitudes that can spread the contagion, disseminating to the most needy population digital tools that enable the prevention and control of the spread of the new coronavirus to face the pandemic and post-pandemic.

Keywords: COVID-19; Information; Access; Disinformation; Digital tools.

1 INTRODUÇÃO

No início da segunda década do século XXI, os apologistas das novas Tecnologias de Informação e Comunicação-TICs ainda proclamam que estamos em uma nova era: a da informação. Era da informação e do conhecimento ou seria, por trás de todo o apelo ideológico que permeia esse discurso, a era da (des)informação?¹

¹ Parte do texto foi extraído da Tese de Doutorado em Políticas Públicas intitulada: “A POLÍTICA BRASILEIRA DE INCLUSÃO DIGITAL NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO: o elo perdido do Programa Casa Brasil

O advento da “revolução tecnológica” está, na realidade, relacionado com a reestruturação produtiva capitalista que se manifesta sob a égide da ideologia neoliberal iniciada na década de 1970 no centro do capitalismo mundial e, a partir da década de 1990, no Brasil, ainda permanecendo até hoje. Esse processo vem interferindo de modo incisivo na organização da produção, influenciando diretamente as esferas do Estado e das políticas públicas, como por exemplo o Sistema Único de Saúde-SUS, enfraquecido durante as últimas gestões governamentais federais, notadamente, na gestão Temer, com a PEC de congelamento de gastos. Com Bolsonaro no poder, os ataques foram ainda mais intensos. No primeiro ano de governo, o presidente Jair Bolsonaro aumentou os gastos com investimentos e custeio da máquina para a área de Defesa e reduziu as despesas para a Educação, Saúde e Segurança.

Porém, com a pandemia ocasionada pelo coronavírus e, conseqüentemente, a crise sanitária que se instalou no país a partir dela, o que se verifica é o quanto o SUS é uma política pública importante, universal e que, mais do que nunca carece de robustos investimentos.

Assim, ao mesmo tempo em que os ideólogos do capital tecem o seu discurso tecno-ufanista sobre a nova “sociedade da informação”, a teoria marxista contribui para o entendimento dessa nova configuração de sociabilidade capitalista, alertando para o fato de que, na verdade, estamos ainda vivenciando uma nova fase de intensas redefinições do capitalismo. Oliveira (2007, p. 34), numa análise consistente sobre a realidade brasileira, denomina tal fase de era da indeterminação: “trata-se de um novo processo no capitalismo mundial, cujas expressões são ainda mais fortes na periferia”.

Diante desse contexto, no processo de análise do nosso objeto de estudo, partimos do pressuposto de que o coronavírus têm seu efeito mais devastador em parte da população socialmente excluída, principalmente se nos pautarmos no que diz respeito ao acesso à informação. É nas periferias em que se tem verificado, até o momento, um grande número de óbitos e de casos mais graves da COVID-19.

Dessa forma, o presente estudo se pauta numa perspectiva histórica, crítica e dialética, onde certas categorias, ou seja, a contradição, a historicidade e a totalidade se constituíram como eixos centrais das nossas argumentações, para a análise e

compreensão da realidade acerca do acesso à informação e no combate às *fake news* que hoje proliferam nas redes sociais e nos mais variados *sites*.

Tendo em vista a categoria da contradição, sabemos que os serviços de acesso à informação nunca foram prioridade nas agendas governamentais e muito menos foram criados para atender os anseios da classe trabalhadora. Basta que se observe como tal serviço sempre funcionou de maneira precária, principalmente nos últimos governos federais. As políticas públicas de acesso à informação priorizam muito mais os interesses da classe dominante, sejam pelo fomento à iniciativa privada, sejam pelos desmontes e cortes de recursos desses serviços.

No que se refere à categoria da historicidade, faz-se necessário verificar todo o processo histórico de formação social do país para que possamos apreender a política pública de acesso à informação.

E finalmente, a totalidade, onde o Brasil sendo um país periférico, que não ocupa a centralidade dos países capitalistas, marcado profundamente por gritantes desigualdades sociais e pelo habitual descaso por parte dos governantes para as áreas da cultura, da educação e do acesso à informação.

Utilizamos autores como Werthein (2000), Lévy (1999), Hall (2015), Valentim (2000), entre outros, para embasar a fundamentação teórica. Para a coleta de dados, realizamos a análise dos conteúdos sobre a problemática do COVID-19, utilizando o Google Trends e os dados disponíveis nos *sites* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE e da Central de Informação do Registro Civil-Nacional. Parafraseando Gil (1994, p. 28), acerca da pesquisa descritiva, esta objetiva descrever sobre o tema e estabelecer relações entre as variáveis. Quanto a abordagem metodológica, utilizamos a marxista-dialética, a qual procura explicações coerentes para os fenômenos da natureza, sociedade e pensamento, neste caso, especificamente, como explicação da realidade social acerca da COVID-19.

Assim, esta proposta de pesquisa se caracteriza como sendo de natureza quanti-qualitativa, pois combinam métodos qualitativos e quantitativos em todas as etapas, uma vez que o levantamento das informações nos *sites* e plataformas digitais deverá orientar a coleta e análise dos dados quantitativos, assim como, na fase de análise documental, onde Pimentel (2001 *apud* SOARES *et al.*, 2011) descreve:

A prática da ADOC de forma que o ato de organizar o material signifique processar a leitura segundo critérios da análise de conteúdo, comportando algumas técnicas, tais como: fichamento, levantamento qualitativo e quantitativo de termos e assuntos recorrentes, criação de códigos para facilitar o controle e o manuseio.

Dessa forma, os dados quantitativos serão necessários para a análise qualitativa de maneira que sustente a explicação dos resultados

A motivação para a realização deste estudo se pauta nessa perspectiva e toda a discussão aqui exposta é atravessada por esses eixos centrais, na tentativa de oferecer respostas às seguintes questões: como a população de modo geral está conseguindo informações sobre a pandemia e a COVID-19 e qual o papel do bibliotecário nesse novo contexto? Há preocupação sobre a veracidade destes meios de comunicação que estão utilizando para se informar? O número de óbitos e do agravamento da doença está diretamente ligado à forma ou tipo de acesso à informação? Como captar informações seguras nas regiões mais vulneráveis, principalmente a região periférica e mais vulnerável? Será que o índice de mortalidade está ligado às questões socioeconômicas e tecnológicas, pois não tendo acesso aos meios de informação gera um aumento de pessoas contaminadas?

Nessa perspectiva, o objetivo geral deste estudo é analisar de que maneira a população, de modo geral, acessa as informações sobre a COVID-19, e apresentar também quais são as dificuldades dos profissionais da informação no que diz respeito ao acesso à informação que possibilitem a prevenção e o controle da propagação do novo coronavírus para o enfrentamento da pandemia e pós-pandemia no Brasil. Além disso, de maneira mais específica, propomos ainda mapear as faixas etárias de maior incidência de contaminação do coronavírus e verificar de que forma e em que meios de comunicação a população tem acesso às informações sobre a COVID-19, averiguando como atesta a veracidade das informações que consomem sobre o novo coronavírus. Pretendemos, de forma mais abrangente, analisar o número de óbitos e de agravamento da COVID-19 como forma de identificar se estes estão diretamente relacionados à forma ou tipo de acesso à informação e às condições socioeconômicas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

“A chamada Sociedade da Informação é uma sociedade da exclusão”. O desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação-TICs, caracterizado como um dos elementos determinantes dessa nova era, está intrinsecamente relacionado ao processo de mundialização do capital, à reestruturação produtiva e aos fenômenos que deles decorrem, como: o desemprego, a flexibilização e a precarização do trabalho e a perda de conquistas sociais por parte dos trabalhadores (BOLAÑO, 2005, p. 2).

Assim, essa nova configuração capitalista, impulsionada pela lógica neoliberal que tenta a todo custo remover o trabalho da posição central que ocupa na estrutura dessa forma de organização societária, tem gerado “uma descomunal ‘sociedade dos excluídos’, esparramada mundialmente e para a qual as tentativas de resolução, nos marcos da lógica societária contemporânea, não passam de um exercício de manipulação” (ANTUNES, 2005, p. 24).

Dessa forma, sendo as inovações das TIC e a financeirização do capital (inovações/especulações financeiras) os elementos que movimentam o capitalismo contemporâneo (FARIAS, 2003), a classe trabalhadora deve “ajustar-se” às essas novas exigências do mundo do trabalho como forma de garantir a sua sobrevivência, necessitando, então, da sua capacitação em relação ao uso das TIC’s. Os países periféricos que não fazem parte do centro do capitalismo mundial devem, assim também, buscar a inovação e o domínio das tecnologias mais avançadas como uma meta para que possam sobreviver na “nova ordem mundial”.

Ademais, segundo Zattar (2017), com o desenvolvimento das TIC, sobretudo da Internet, houve o crescimento da participação de múltiplos sujeitos produzindo conteúdos, o que, teoricamente, exige responsabilidade destes quanto à difusão de informações. Porém, esse fato também abriu portas para a desinformação, principalmente no que tange a manipulação de tais informações. Diante de um cenário pandêmico, a busca por informações a respeito do vírus vem crescendo de forma considerável e essa atitude requer uma perspectiva crítica e ética quanto ao recebimento e compartilhamento de informações, pois muitas vezes o conteúdo dessas informações apresenta inverdades.

Compreendendo que no universo digital as redes sociais vêm se mostrando as principais propagadoras de desinformação na sociedade e com o aumento do fluxo informacional, torna-se um desafio saber filtrar tais informações (DUARTE, 2018).

Há de se concordar que há produções com viés sensacionalista, contendo informações irreais, disfarçadas de verdades, que em seguida são compartilhadas em redes sociais, corroborando com a desinformação. Conforme Brisola e Bezerra (2018), tais informações são compostas por linguagens imbuídas de emoção, sem nenhuma análise crítica, ocasionando em seguida, a reprodução e propagação das informações.

O sensacionalismo e o apelo sobre curas milagrosas fazem com que usuários da web e pacientes sejam fisgados por sites com objetivos às vezes puramente comerciais, e que nada têm a oferecer de fato na resolução dos problemas de seus visitantes. O problema do compartilhamento desenfreado de informações por leigos, e aqui se destacam como “cúmplices” mídias sociais como, por exemplo, Facebook e Twitter, que são utilizadas por seus usuários para disseminarem “pesquisas”, “boatos”, “soluções” para problemas de saúde, sem nenhuma fonte ou comprovação científica, fazendo com que muitos indivíduos que acessam acabem por terem seus problemas amplificados (SILVA FILHO; SILVA; LUCE, 2017, p. 278).

Em contrapartida, vêm surgindo empresas se especializando em checagem de informações, a exemplo, a Agência Lupa, a Fato ou Fake, a *Fake Check*, a E- Farsas (COSTA, 2020). A *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA) elaborou um infográfico simples, Edição COVID-19, orientando como verificar as informações recebidas em período de pandemia. O acesso às fontes de informações se tornou recorrente, evidenciando-se como essencial ao indivíduo na atualidade, porém torna-se de suma importância avaliar a procedência, qualidade e confiabilidade de tais informações evitando, assim, a propagação de notícias falsas das quais Zattar (2017) denomina de “bolhas informacionais” em que estamos inseridos e que, por sua vez, contribuem com a disseminação de desinformação na sociedade.

A figura 1 ilustra bem como devemos proceder para não cair no que o vocabulário popular chama-se de “conto do vigário” ou na linguagem midiática *fake news*.

Figura 1 – Como identificar notícias falsas nas mídias



Fonte: COMO identificar notícias falsas (*How To Spot Fake News*).jpg. Disponível em: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Como identificar not%C3%ADcias falsas \(How To Spot Fake News\).jpg](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Como_identificar_not%C3%ADcias_falsas_(How_To_Spot_Fake_News).jpg). Acesso em: 16 maio 2020.

Ademais, observamos que, hodiernamente, os nossos hábitos tecnológicos se iniciam do simples ato de ver a mensagem no visor do celular, ver as notícias do dia, checar e-mail, até efetuar compras. Tais atividades já estão incutidas nas nossas tarefas diárias, assim como estão nossos hábitos de limpeza pessoal de toda manhã. Porém, existe uma utopia no que diz respeito ao mundo globalizado, onde ainda perpetuam a ideia de oferecer novas perspectivas à sociedade ofertadas através desse brilhantismo de possibilidades, mudanças, conhecimentos e aprendizagens. Entretanto, existem diversos desafios, tais como sociais, políticos, econômicos e por fim o principal: o tecnológico, que merece mais atenção para que essa nova onda do progresso da comunicação possa atingir todo o planeta. Na visão de Werthein (2000) conseguimos identificar, após vinte anos, que continuam os mesmos problemas e desafios a serem enfrentados. As divisões sociais, tanto economicamente quanto socialmente, reverberam nesta sociedade dita da informação.

Junto com o jargão da “sociedade da informação” já é lugar comum a distinção entre países e grupos sociais “ricos” e “pobres” em informação. As desigualdades de renda e desenvolvimento industrial entre os povos e grupos da sociedade reproduzem-se no novo paradigma (WERTHEIN, 2000, p. 73).

Na lógica de Lévy, denominada por ele de Cibercultura (1999, p. 12 - 14), oriundos desses novos hábitos, de permanecer conectados na Internet, que ascenderam após a globalização, torna-se um progresso para a humanidade, pois reflete em uma nova perspectiva inserida nas tecnologias. A ideia não é ser positivo ou negativo quanto a essa transformação na comunicação, mas sobretudo entender o processo dessa extensão das redes que venham possibilitar a uma vida social mais próxima, uma troca de saberes, culturas e a democratização informacional, tendo assim o equilíbrio das diferenças. Porém, o autor ressalta, ainda, que essa lógica logo é desvirtuada pelos grandes empresários e as grandes mídias que visam apenas lucro e, claro, oferecer serviços pagos na Internet. Serviços esses que tratam desde a informação até aos produtos alimentícios. Apesar desse comércio no meio informacional, podemos lembrar dos serviços gratuitos oferecidos pelas universidades, órgãos públicos, associações e até empresas que possibilitam acesso à informação.

A globalização e o espaço nela destinado para esse avanço, a Internet, são uma tendência de acesso e uso apenas para aqueles que detêm poder econômico e poder de consumo, dentro desse novo ambiente interacional. Entendendo as análises de Lévy e Werthein podemos observar que a globalização se constitui como um espaço para poucos e a maioria é excluída devido ao seu “baixo” poder econômico. O termo "globalização" o qual conhecemos, está associado aos avanços tecnológicos, que ascenderam durante e pós Revolução Industrial, e que permitiu o intercâmbio de costumes, hábitos, e a produção e a circulação da informação entre sociedades, como por exemplo, a radiofonia e a televisão, e posteriormente, a conectividade via Internet. Para Hall (2015), este fenômeno decorre principalmente da inserção das tecnologias:

O principal regulador se chama 'Globalização' que através de equipamentos tecnológicos e dos meios de comunicação acabam culminando na super mercantilização e no consumismo *exacerbado* alienando massas consumidoras (HALL, grifo nosso, 2015).

Por conseguinte, o conceito de "sociedade de informação" reporta ao termo Globalização, porém realçado por uma sociedade que integre o uso acentuado de todas as tecnologias, assistindo o compartilhamento da informação no seu cotidiano.

Ou seja, a informação sendo o principal foco canalizador para o ato de conhecer, como afirma Alves e Santos (2018, p. 37): "Quando a informação é trabalhada por pessoas e pelos recursos computacionais, possibilitando a geração de cenários, simulações e oportunidades, transformando-se em conhecimento". Logo, para os profissionais da informação o valor de agregar recursos tecnológicos na sua formação e ambiente lhes proporcionaram inúmeros mecanismos para o funcionamento das Unidades de Informação, para a sua formação acadêmica, continuada e para a pesquisa.

Em uma situação de pandemia e em detrimento das discussões feitas nos últimos anos sobre a competência do bibliotecário na dita sociedade da informação, é importante analisar que nesse momento, em meio a um caos, de situação elevada de contágio da COVID, onde o profissional da informação é posto à prova, cabe a este modificar a sua função, o seu espaço de trabalho e a sua atuação nesse novo cenário de pandemia, a fim de atender a demanda da sociedade.

Conforme Valentim (2000), a formação desse profissional da informação exige que este seja dinâmico e competitivo conforme as necessidades da sociedade brasileira. Entretanto, existe um contrassenso estrutural, pois observamos a preocupação em moldar o profissional da informação, ou seja, em priorizar mais o seu trabalho técnico do que explorar o lado humanístico de suas funções como profissional, um lado mais social. É muito problemático pensar em mudanças quando nos referimos à formação desse profissional na conjuntura que hoje o Brasil perpassa. Aguardar que seja feito um trabalho que atenda a formação dessa demanda social é um processo lento e requer investimento tanto do profissional, quanto dos equipamentos dos centros de pesquisa e principalmente, educacionais e culturais.

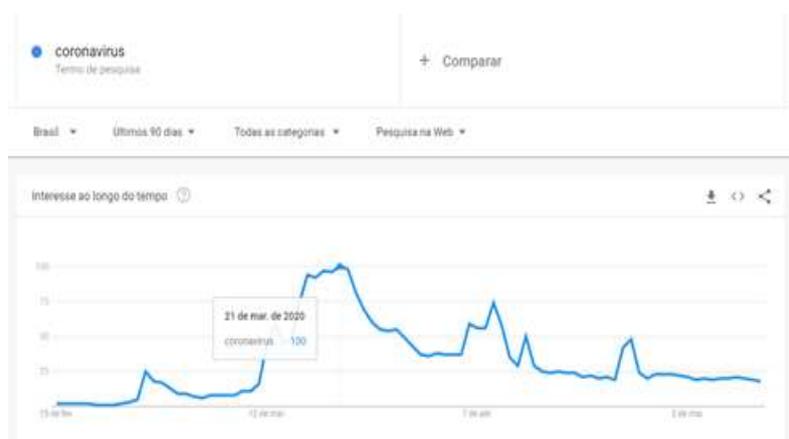
O nosso país é continental e atender a essa demanda é um grande desafio. Existem diversas peculiaridades em diversas regiões, temos leitores e consumidores diferentes de acordo com a sua necessidade. Ao final, torna-se evidente que o bibliotecário seja competente e no atual contexto de pandemia, exige um momento de reflexão, pois o seu papel, seja de transformação e revolução cultural, seja social e político, depende também da intenção e investimento do Estado brasileiro.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A sociedade da informação é resultante da sociedade pós-industrial, com o desenvolvimento e a evolução das tecnologias de informação e comunicação, conforme já discutimos anteriormente. Contudo, precisamos refletir que, com o grande fluxo informacional, a informação não chega para todas as pessoas de forma igualitária, principalmente pelo fato de que não há democratização no acesso à informação e nem todos possuem recursos e/ou meios para recebê-la. Cabe salientar que a informação é um direito fundamental do indivíduo para o seu crescimento cultural, intelectual e social, direito este que se encontra assegurado na Declaração Universal dos Direitos Humanos. A sociedade não é homogênea, em partes, há um paralelismo de mundos, ou seja, de um lado há uma contingência que usufrui e usa a informação, por outro lado, temos uma sociedade que é destinada a obter desinformação, facilmente manipulável por aqueles que não visam o interesse das minorias, como bem assinala Duarte (2018).

Objetivando mensurar a evolução da busca relacionada ao Coronavírus, utilizamos dados do IBGE, do Registro Civil Nacional e da ferramenta Google Trends por meio de palavras-chave em que foi possível avaliar o crescimento de informações acerca de Coronavírus, Dicas de prevenção e Pessoas que se encontram em grupo de risco. Assim, chegamos aos seguintes resultados (Gráfico 1):

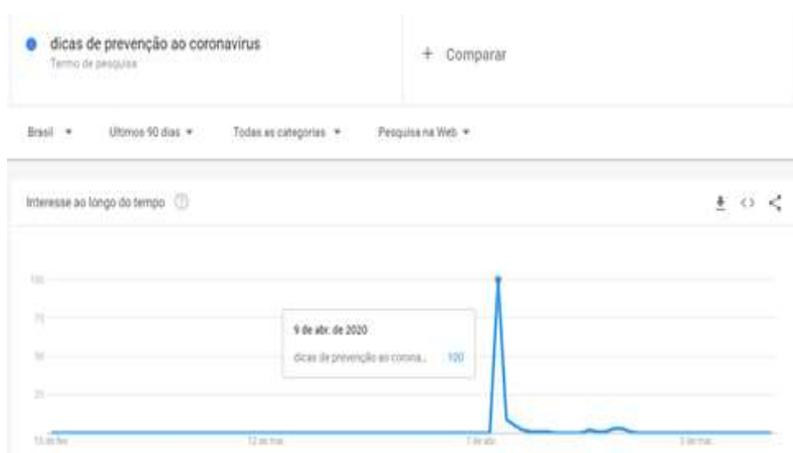
Gráfico 1 – Busca pelo termo Coronavírus na Internet



Fonte: GOOGLE Trends. Disponível em:
<https://trends.google.com.br/trends/explore?q=coronav%C3%ADrus&geo=BR> Acesso em: 16 maio 2020

Conforme podemos observar no Gráfico 1, a curva se inclina verticalmente no final de março, período em que o número de casos e de divulgação de informações no país também foi maior, visto que até o início de março ainda pouco se falava a respeito do Coronavírus no Brasil.

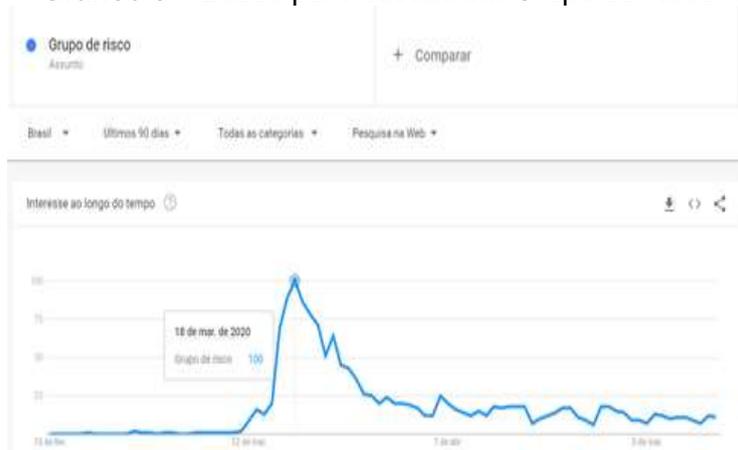
Gráfico 2 – Busca por Dicas de Prevenção ao Coronavírus



Fonte: GOOGLE Trends. Disponível em: <https://trends.google.com.br/trends/explore?geo=BR&q=preven%C3%A7%C3%A3o%20ao%20coronav%C3%ADrus>. Acesso em: 16 maio 2020

O Gráfico 2 demonstra que o maior pico de acesso sobre dicas de prevenção ao Coronavírus se deu no início de abril quando já se tinha, no Brasil, um número elevado de pessoas contaminadas e com grande número de óbitos ocasionados pela COVID-19.

Gráfico 3 – Busca por Pessoas em Grupo de Risco

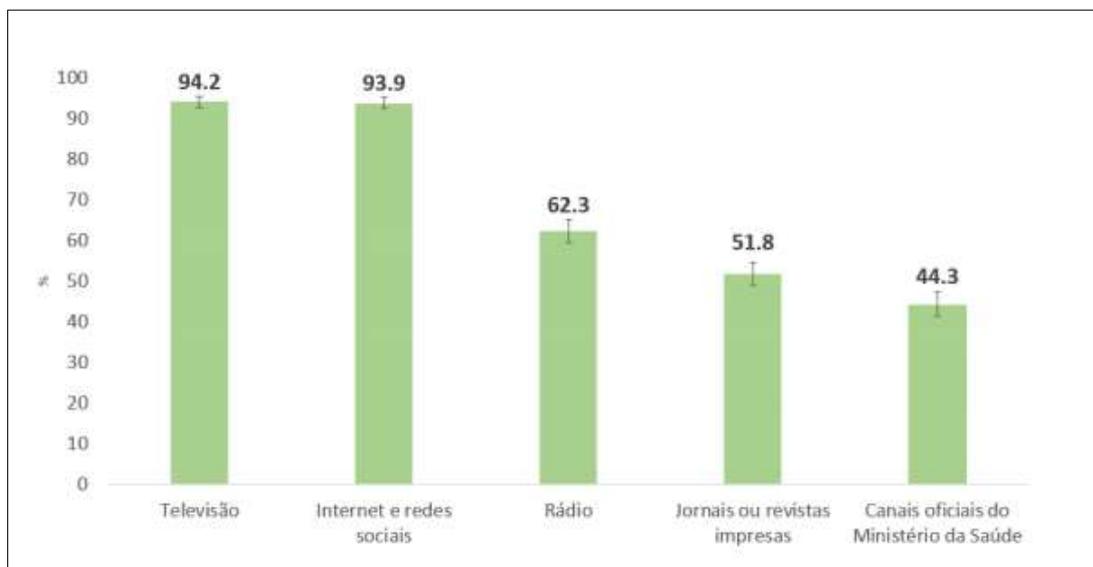


Fonte: GOOGLE Trends. Disponível em :
<https://trends.google.com.br/trends/explore?q=grupo%20de%20risco%20para%20o%20coronav%C3%ADrus&geo=BR>.
Acesso em: 16 maio 2020.

Em 18 de março verificamos o ápice de maior acesso quando verificamos no Gráfico 3 quais eram as pessoas que são caracterizadas como de risco para contrair o vírus. Esta pesquisa foi realizada com foco nos últimos 90 dias através da ferramenta Google Trends com o intuito de analisar o fluxo de busca por informações relacionadas ao COVID-19, em que 100 significa o pico de popularidade.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE apresentou em abril do corrente ano dados que apontam quais são os indicadores referentes ao acesso à informação nos seguintes canais: jornais ou revistas (impressos), televisão, rádio, internet ou redes sociais e canais oficiais do Ministério da Saúde (Disque Saúde, Portal da Saúde ou redes sociais do Ministério da Saúde). A metodologia aplicada no Vigitel COVID-19 foi por amostras probabilísticas da população adulta com faixa etária entre 18 anos ou mais de idade e pudesse ter em mãos um telefone móvel (celular ou smartphone). Foram estabelecidas uma amostragem de 2 mil indivíduos, sendo 400 em cada macrorregião geográfica. Os números que foram contabilizados foram obtidos por meio de discagem aleatória de dígitos (RDD), seguida por validação dos números sorteados. Todas as entrevistas foram efetuadas por empresa contratada pelo Ministério da Saúde, com questionário eletrônico utilizando CATI (Computer-Assisted Telephone Interviewing), todas essas informações foram confirmadas e estão na própria plataforma do IBGE, no Boletim da VIGITEL - 11 2020. O canal de mais acesso à informação ainda é a Televisão com 94,2% (IC95%: 92,9-95,5) e o que causou mais espanto é que o rádio, com 62,3% de acesso, ainda tem muita audiência e confiabilidade nas informações que são noticiadas. Para relacionar sobre a faixa etária da população e quem respondeu ao último indicador, é importante destacar que foram observadas diferenças segundo a faixa etária dos entrevistados. A população mais jovem (18 a 34 anos) procurou mais os canais oficiais do MS, 52,0% (IC95%: 46,4-57,6) em relação àqueles com 50 anos com 34,8% (IC95%: 30,0-39,7) E por fim, ficando com um acesso, como na figura logo abaixo, porém não é mencionado quais são os meios de comunicação específicos de cada faixa etária que foram utilizados, essa informação não foi mencionada pelo Boletim.

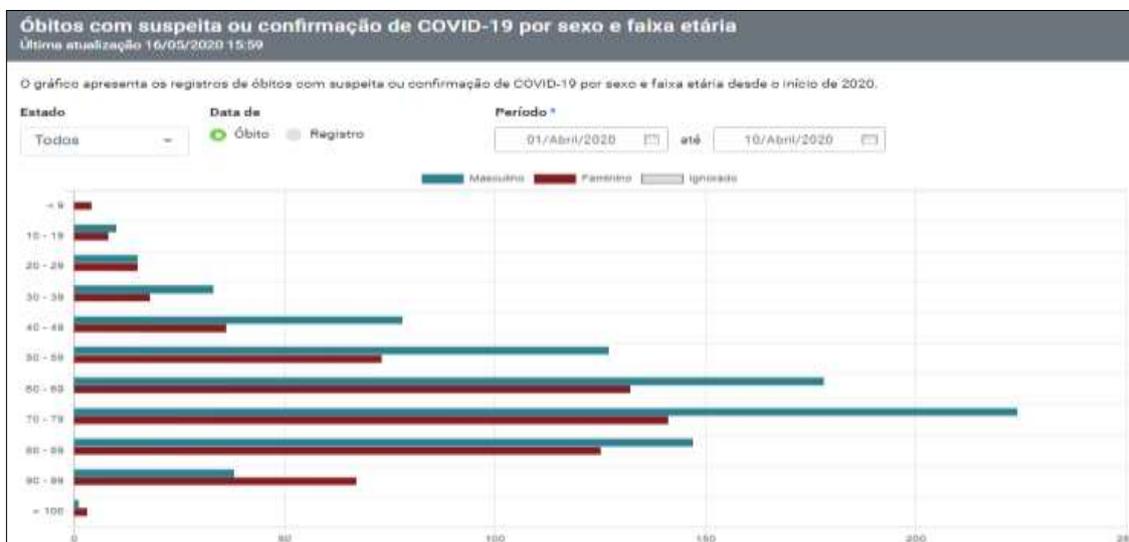
Gráfico 4 – Canais de acesso à informação



Fonte: BOLETIM Informativo 11 IBGE - VIGITEL. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 15 maio 2020.

Realizamos também uma pesquisa no Portal da Transparência de Registro Civil com óbitos de COVID - 19 no Brasil, no período de 1 a 10 de abril, que demonstra que a faixa etária a partir de 50 anos teve um número de 1252 mortos. Comparando com a faixa etária a partir dos 19 anos, analisado no mesmo período, temos um número mais inferior de aproximadamente 81 mortos. É evidente que a classe mais jovem tem menos comorbidades e tem mais acesso às informações sobre higienização das mãos e de objetos de uso frequente, práticas complementares de higiene e isolamento social, como demonstrado no uso dos meios de comunicação oficiais do Ministério da Saúde, ocasionando que o índice de mortalidade dessa faixa etária tende a ser inferior que as demais faixas etárias. Os dados comprovaram que o acesso mais rápido às informações, ou seja, na Internet, em tempo real, melhora o acesso à informação e, conseqüentemente, a sua prevenção será mais eficaz, provocando redução do número de óbitos dessa faixa etária.

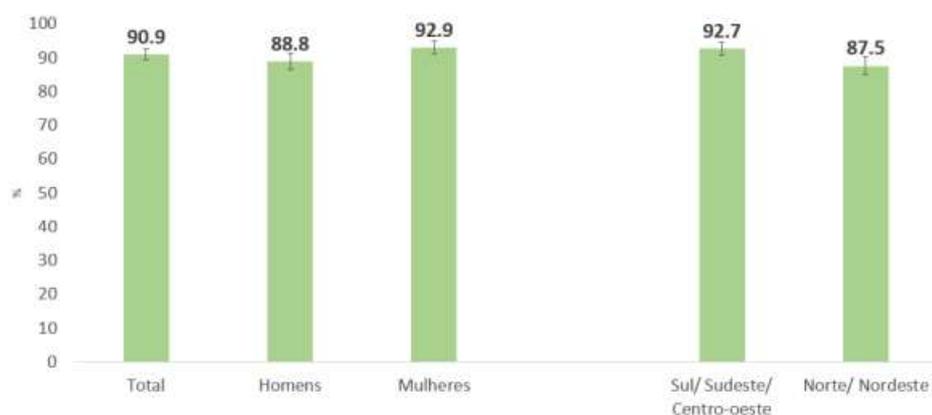
Gráfico 5 – Número de óbitos por sexo e faixa etária no Brasil



Fonte: CENTRAL de Informação do Registro Civil - COVID 19 - CRC Nacional. Disponível em: <https://transparencia.registrocivil.org.br/especial-covid>. Acesso em: 14 maio 2020.

Outro dado interessante que o Gráfico 5 apresenta é que há maior incidência de óbitos no sexo masculino em quase todas as faixas etárias, excluindo-se apenas as de idade mais avançada, comprovando, talvez, que as mulheres são mais cuidadosas com a higiene pessoal e mais cautelosas com o isolamento social de acordo com o Gráfico 6, que demonstra que 92,9% terem saído menos de casa que os homens com 88,8%.

Gráfico 6 - Número por sexo de isolamento social do Brasil.



Fonte: BOLETIM Informativo 11 IBGE - VIGITEL. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 15 maio 2020.

Contudo, ficou uma questão a desejar nesta pesquisa, qual o perfil socioeconômico desses óbitos pesquisados em questão? Até ao final desta pesquisa os dados do IBGE não estavam disponibilizados em sua plataforma.

Podemos inferir que, se o país tem sérios problemas educacionais, tecnológicos, econômicos e sociais, qual será a parcela que se encaixa na situação econômica desses jovens que conseguem acesso à informação com mais facilidade? Será que há uma interferência no número de óbitos, devido ao acesso mais rápido sobre prevenção e cuidados com a COVID - 19? O grupo dará continuidade à pesquisa e pretende apresentar estas e outras indagações em estudos futuros.

4 CONCLUSÃO

À guisa de conclusão, temos que ainda hoje os fatos ficam claros da dificuldade dos profissionais da informação em disseminar e fazer o controle dessa pandemia da COVID – 19 no Brasil, devido à falta de um maior investimento na área tecnológica, científica e educacional em todas as regiões brasileiras, ocasionado pela dificuldade em capturar e disseminar informação para atender tanto a comunidade científica quanto à população desse país. O bibliotecário acaba tendo inúmeros desafios em atender a demanda para a disseminação de informações em regiões mais carentes.

A identificação do nível de conhecimento em relação ao acesso às informações sobre a COVID-19, conseqüentemente, trouxe os resultados esperados que foram na perspectiva da observação da diminuição dos riscos de contaminação e do aumento do controle da propagação do coronavírus no país em relação ao contato com informações fidedignas e seguras, principalmente no que tange aos meios de comunicação seguros e ao acesso da população por eles.

Porém, o que conseguimos observar é sobre a baixa inserção da população nesta sociedade dita da informação nesse momento de infestação da COVID - 19 e de como essas informações e aplicativos seguros são importantes para o acesso à informação. Entretanto, o que vimos foi a confiabilidade que a população brasileira ainda tem na TV e nas fontes do Ministério da Saúde através do rádios, jornais e revistas impressas que ainda fazem muito sentido no sistema informacional do Brasil. E para o profissional bibliotecário é necessário a curadoria dessas fontes que serão

compartilhadas, a fim de poder tornar acessível para os usuários dessas informações, tomando para si uma responsabilidade social que vem sendo abalada por meio das desinformações, através das diversidades e da cultura do ódio que hoje impera no Brasil.

Assim, de acordo com os objetivos desta pesquisa, este estudo resultou em benefícios tanto para os pesquisadores, quanto para a população de modo geral, que através da busca por informações seguras poderá dirimir as suas dúvidas a respeito dessa doença, como se precaver e tomar as medidas protetivas para a sua saúde.

Na medida em que apresentamos possibilidades para modificar as atitudes que podem disseminar o contágio, podemos contribuir para a sociedade, divulgando para a população ferramentas digitais confiáveis que possibilitem o acesso à informação como forma de prevenção e de controle da propagação do novo coronavírus para o enfrentamento da pandemia e pós-pandemia.

A partir da análise dos dados, percebemos que houve maior número de óbitos para a faixa etária a partir dos 50 anos, se comparados à faixa etária de 18 a 34 anos. Desse modo, podemos concluir que estes tiveram mais acesso às informações disponíveis nas redes sociais, tendo em vista que a faixa etária de 50 anos demonstrou mais interesse em TV e rádio.

Porém, a dificuldade de informação em capturar dados sobre a classe socioeconômica das pessoas que entraram em óbito do COVID-19 nas plataformas como IBGE, que apresentam variáveis apenas relacionadas com o sexo, a faixa etária e qual a doença que faleceram, impediu-nos, então, de analisar mais profundamente sobre a seguinte questão: as pessoas contaminadas da COVID-19 têm alguma relação com a falta de informação e acesso à tecnologia, não obtendo, assim, informações seguras que pudessem ajudar na prevenção da doença? As informações fidedignas, precisas e seguras não chegaram até estas pessoas devido à sua condição socioeconômica? Contudo, verificamos que existe a necessidade em continuar a pesquisa para melhor análise destes e de outros dados e assim que tivermos acesso aos dados socioeconômicos, dentre outros, divulgados pela plataforma IBGE e demais sites, apresentaremos em estudos futuros.

REFERÊNCIAS

ALVES, F. M. M.; SANTOS, B, A. Fontes e recursos de informação tradicionais e digitais: propostas internacionais de classificação. **Biblios**, Peru, n. 72, 2018. p.35-50.

ANTUNES, R. **A desertificação neoliberal no Brasil**: Collor, FHC e Lula. 2. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2005.

BOLAÑO, C. R. S. Sociedade da informação, reestruturação produtiva e economia do conhecimento. **Telos**: cuadernos de comunicación e innovación, Espanha, jul./set. 2005.

BOLETIM Informativo 11 IBGE - VIGITEL. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 15 maio 2020.

BRISOLA, A.; BEZERRA, A. C. Desinformação e circulação de fake news: distinções, diagnóstico e reação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. **Anais [...]** Londrina: UNESP, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/102819>. Acesso em: 15 maio 2020.

CENTRAL de Informação do Registro Civil - COVID 19 - CRC Nacional. Disponível em: <https://transparencia.registrocivil.org.br/especial-covid>. Acesso em: 14 maio 2020.

COMO identificar notícias falsas (How To Spot Fake News).jpg. Disponível em: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Como_identificar_not%C3%ADcias_falsas_\(How_To_Spot_Fake_News\).jpg](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Como_identificar_not%C3%ADcias_falsas_(How_To_Spot_Fake_News).jpg). Acesso em: 16 maio 2020.

COSTA, M. B. 5 sites para checar se a notícia é falsa ou verdadeira. **Canaltech**, não paginado, fev. 2020. Disponível em: <https://canaltech.com.br/internet/sites-para-chechar-noticia-verdadeira-ou-fake-news/>. Acesso em: 17 maio 2020.

DUARTE, Y. M. Sociedade da desinformação e os desafios do bibliotecário em busca de uma biblioteconomia social. *In*: RIBEIRO, A. C. M. L; FERREIRA, P. C. G. (org). **Bibliotecário do século XXI**: pensando o seu papel na contemporaneidade. Brasília, DF: Ipea, 2018. p. 67-82.

FARIAS, F. B. A economia política do financeiro. **Revista de Políticas Públicas**, São Luís, v. 7, n.2, p. 141-174, jul./dez. 2003.

SILVA FILHO, R. C.; SILVA, L. M.; LUCE, B. Impacto da pós-verdade em fontes de informação para a saúde. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, p. 271-287, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/1949>. Acesso em: 15 maio 2020.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 16 maio 2020.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz da Silva & Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015. p. 9-51.

GOOGLE Trends. Disponível em: <https://trends.google.com.br/trends/explore?q=coronav%C3%ADrus&geo=BR> Acesso em: 16 maio 2020.

GOOGLE Trends. Disponível em: <https://trends.google.com.br/trends/explore?geo=BR&q=preven%C3%A7%C3%A3o%20ao%20coronav%C3%ADrus>. Acesso em: 16 maio 2020.

GOOGLE Trends. Disponível em: <https://trends.google.com.br/trends/explore?q=grupo%20de%20risco%20para%20o%20coronav%C3%ADrus&geo=BR>. Acesso em: 16 maio 2020.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999. 264p.

OLIVEIRA, F. Política numa era de indeterminação: opacidade e reencantamento. *In*: OLIVEIRA, F.; RIZEK, C. S. (Orgs.). **A era da indeterminação**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SOARES, E. et al. Análises de Dados Qualitativos: Intersecções e Diferenças em Pesquisas Sobre Administração Pública. *In*: ENCONTRO DE ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE, 3., 2011, João Pessoa. **Anais [...]** João Pessoa: ANPAD, 2011. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnEPQ261.pdf>. Acesso em: 13 maio 2020.

VALENTIM, M. (org.). **O profissional da informação**: formação, perfil e atuação profissional. São Paulo: Polis, 2000. p. 33-34.

WERTHEIN, J. A sociedade da informação e seus desafios. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, nov. 2000. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/889>. Acesso em: 15 maio 2020.

ZATTAR, M. Competência em informação e desinformação: critérios de avaliação do conteúdo das fontes de informação | information literacy and disinformation: criteria for evaluating the content of information sources. **Liinc em revista**, v. 13, n. 2, 2017. Disponível em: 10.18617/liinc.v13i2.4075. Acesso em: 14 maio 2020.